

O ELEMENTO LUSO-TIMORENSE NO PORTUGUÊS DE TIMOR LESTE

Davi Borges de Albuquerque¹

albuquerque00@hotmail.com

RESUMO: O termo ‘luso-timorense’, usado para se referir a elementos lusófonos específicos a Timor Leste, foi empregado inicialmente por Thomaz (1995) ao analisar o léxico do português falado na ilha. O presente artigo é resultado de uma investigação em andamento, que pretende analisar a variedade do português falada pelo povo leste-timorense, com objetivos de documentar e valorizar essa variedade da língua portuguesa como uma variedade nacional, chamada de Português de Timor Leste (PTL). Assim, na seção 1 será apresentada brevemente uma sociohistória da língua portuguesa na ilha de Timor; em 2, será traçado um histórico dos estudos linguísticos a respeito do PTL e da variedade crioula outrora falada na ilha; na seção 3, será analisada a presença do elemento luso-timorense no léxico do PTL; e, finalmente, em 4, com objetivo de contribuir para um melhor conhecimento do léxico PTL, serão apontados alguns lexemas de origem estrangeira específicos a essa variedade.

PALAVRAS-CHAVE: Timor-Leste; língua portuguesa; léxico; semântica.

INTRODUÇÃO²

O presente artigo é resultado de uma investigação em andamento, que pretende analisar a variedade do português falada pelo povo leste-timorense, com objetivos de documentação linguística, reconhecimento e valorização dessa variedade da língua portuguesa como uma variedade nacional, chamada de Português de Timor Leste (doravante PTL), ao lado do Português Europeu (PE) e demais variedades já estudadas e que gozam de maior prestígio social, como o Português Brasileiro (PB), juntamente com outras variedades, como o Português de Moçambique (PM), Português de Angola (PA), e os crioulos de base lexical portuguesa.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade de Brasília (UnB).

² Agradeço a Aurélie Marie F. Nascimento pela leitura de uma versão prévia do presente trabalho, a João Paulo Esperança por informações sobre fonética e fonologia do Tetun, a Gabriel de Ávila Othero e aos pareceristas anônimos pelas observações que acrescentaram ao texto. Os erros, que por ventura permanecerem, são de minha inteira responsabilidade.

O termo ‘luso-timorense’, usado para se referir a elementos linguísticos específicos de Timor Leste, foi empregado inicialmente por Thomaz (1995) ao analisar o léxico do português falado em Timor³, elaborando um ‘glossário lusófono’, ou seja, uma lista de vocábulos realizados somente no português falado em Timor Leste. Segundo este mesmo autor, suas análises concentram-se no nível semântico-lexical do PTL (Thomaz, 1974, 1995 2002), pelo fato de esta variedade não apresentar mudanças significativas nos níveis fonético-fonológico e morfossintático quando comparada ao português padrão.

Ainda, sobre o léxico do PTL, há um levantamento lexical e um *corpus*, ambos elaborados por Carvalho (2002/2003), que revelaram uma ocorrência alta de formas morfológicamente medievais, lexemas lusófonos em desuso e empréstimos de origem austronésia e chinesa, sendo uns adaptados ao padrão silábico português e outros não, que são particulares ao PTL.

Dessa maneira, este trabalho objetiva dar continuidade à pesquisa das evidências linguísticas que corroboram com a existência da variedade do PTL, investigando aqui especificamente o léxico dessa variedade do português. Para tanto, na seção 1 será apresentada brevemente uma sociohistória da língua portuguesa na ilha de Timor; em 2, será traçado um histórico dos estudos linguísticos a respeito do PTL e da variedade crioula outrora falada na ilha; e, na seção 3, será analisada a presença do elemento lusófono no léxico do PTL.

1. A LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR: ALGUMAS NOÇÕES DE SOCIOHISTÓRIA

A ilha de Timor está situada em uma importante região do sudeste asiático, localizada perto da Austrália e das ilhas do Pacífico e possuindo fronteira física com a Indonésia. Apesar de a colonização portuguesa da ilha ter iniciado no século XVI, a presença efetiva do colonizador europeu, conforme será visto nesta seção, somente ocorreu na segunda metade do século XIX aproximadamente, findando por volta do ano de 1975, quando a Indonésia invadiu e dominou a parte leste da ilha, anteriormente conhecida como *Timor Português*.

Os colonizadores portugueses, antes de chegarem à ilha de Timor, dominaram grande parte do sudeste asiático, sendo os principais locais: Goa, Sri Lanka (Ceilão), Malaca e Macau, com o principal interesse de dominar as rotas comerciais da região, que há tempos já

³ Thomaz (1995, 2002) não chama a variedade do português falada em Timor Leste de PTL, ora emprega um termo similar, que é ‘português da praça de Dili’, ora se refere apenas à ‘língua portuguesa’ com suas devidas particularidades, chamadas de ‘elementos lusófonos’.

havia sido estabelecidas por comerciantes de várias origens: árabe, indiana, chinesa e malaia. Somente alguns anos depois, provavelmente no ano de 1515, chegaram a Timor, cujo produto de interesse de ambos comerciantes, orientais e ocidentais, era o sândalo branco (*Santalum album*), um tipo de árvore muito valiosa naquele tempo. Esta árvore foi encontrada também em outras ilhas vizinhas mais próximas aos estabelecimentos portugueses em Malaca, como a ilha de Solor. Assim, Timor tornou-se secundária aos interesses econômicos portugueses e foi habitada por um longo período apenas por padres dominicanos (Fox, 2000), além dos habitantes nativos.

O número de portugueses em Timor, segundo documentações do período da administração portuguesa, ficou estabilizado em cerca de menos de cem até meados do século XIX, segundo pode ser constatado em Sá (1961) e Boxer (1947). Esse fato foi decisivo na configuração linguística atual de Timor Leste, pois contribuiu na formação do Crioulo Português de Bidau (CPB)⁴, falado em Timor Leste até a década de 1960 (Baxter, 1990), e acabou por manter baixo o número de leste-timorenses falantes de língua portuguesa até a atualidade.

A política linguística da coroa portuguesa para o chamado *Timor Português* até meados do século XIX era ensinar a língua portuguesa apenas aos cidadãos importantes: timorenses que tinham qualquer influência sobre as suas aldeias, como: reis, príncipes, sacerdotes e outras pessoas com origens nobres (Hajek, 2000). A administração das colônias durante esse período, desde o século XVI ao XIX, mudou constantemente entre Goa, Malaca e Macau. Assim, no processo de comunicação entre cidadãos de Portugal, Goa, Malaca e Macau, em conjunto com Timor foram utilizadas várias línguas diferentes, como Crioulo Português de Malaca, Crioulo Português de Macau, a língua Tetun⁵ e o CPB, enquanto o PE era raramente utilizado.

Com o que foi exposto anteriormente é possível inferir que o português não estava presente no cotidiano do povo leste-timorense e foi aprendido apenas por poucos. Essa situação começou a mudar somente com a fundação do Colégio de Soibada, em 1898 (Thomaz, 2002). Em seguida, no início do século XX, outros colégios importantes para a educação leste-timorense foram fundados, como a escola oficial de Dili e os colégios

⁴ De acordo com Baxter (1990), esta variedade crioula da língua portuguesa foi formada em Timor Leste devido ao baixo número de portugueses nativos, assim como a influência política de Macau e dos outros territórios portugueses nas proximidades. Segundo o mesmo autor, o CPB apresenta uma série de elementos tipológicos que são comuns aos crioulos portugueses asiáticos. Ainda, segundo a análise do mesmo autor, o CPB é uma variedade próxima dos crioulos portugueses de Tugu, Malaca e Macau.

⁵ Língua de origem austronésia, que possui status de língua franca (somente uma das variedades, conhecida como Tetun Prasa) entre os diversos grupos etnolinguísticos de Timor Leste falantes de diferentes línguas, e é a língua oficial da República Democrática de Timor-Leste, ao lado da língua portuguesa.

mantidos por militares e pelos missionários. Foi essa iniciativa que melhorou o processo de educação formal aumentando, assim, o número de falantes de língua portuguesa em *Timor Português*. Em Thomaz (2002), há dados úteis que informam a respeito dos anos anteriores à invasão indonésia: em 1970-1971 o número de crianças em idade escolar frequentando as escolas era de 28%; já em 1972-1973 esse número subiu para 51%; e em 1973-1974, anos anteriores à invasão, o número aumentou para 77%. Ainda, segundo o autor, o processo de escolarização em língua portuguesa somente se iniciou nessa época, pois, de acordo com o censo de 1970, mais de 90% da população leste-timorense era analfabeta⁶.

Antes de falar sobre a invasão indonésia (1975-1999), é necessário falar da invasão japonesa, que ocorreu em um período anterior (1942-1945). Esta primeira invasão ocorreu durante a segunda guerra, quando o exército japonês se expandiu através de várias ilhas da Ásia e do Pacífico, incluindo a ilha de Timor. Durante os anos de 1942 e 1945, o exército japonês cometeu atrocidades contra vários povos, inclusive os timorenses. Algumas dessas atrocidades são ainda lembradas pelos mais velhos e contadores de histórias. Em língua Tetun, os anciãos são conhecidos como *katuas* ‘velho, ancião’ (empréstimo do malaio) e os contadores de histórias como *lia nain* (*lia* ‘língua’ + *nain* ‘dono, senhor’ ambas de origem Tetun). Esses cidadãos portadores de um grande conhecimento sobre Timor foram de grande importância durante a pesquisa de campo, pois além de fornecerem os dados linguísticos utilizados no presente artigo, eles também narraram histórias e compartilharam suas diversas experiências vividas nesse período. As repercussões linguísticas do japonês são escassas, pois estão limitadas a uma ou outra palavra, usadas somente pelos mais velhos.

De maneira distinta, a invasão da Indonésia deixou marcas culturais até os dias de hoje. Este período também foi marcado por intensa violência contra a população timorense, mas diferente da dominação japonesa, o período indonésio, que se prolongou até 1999, foi marcado por significativos avanços sociais e econômicos. Esses fatores acabaram por tornar a geração de timorenses beneficiadas durante esse período como simpatizantes da Indonésia, vendo com maus olhos a dominação portuguesa. Uma característica importante do período da Indonésia foi a mudança da política linguística citada acima, como uma arma eficaz de dominação, a Indonésia procurou: reduzir o espaço que o Tetun Prasa (língua franca de Timor Leste) tinha na sociedade; erradicar a língua portuguesa; lançar um sistema educacional eficaz para ensinar o *bahasa indonesia*, língua oficial da Indonésia, que consiste em uma variedade

⁶ Em Thomaz (1994), há uma análise das estatísticas oficiais portuguesa da época. Segundo cálculos elaborados pelo autor com base nos números, a parcela da população que falava a língua portuguesa no período anterior à invasão indonésia, no início da década de 1970, provavelmente era em torno de 15%.

da língua malaia. Assim, o processo de expansão da escolarização em língua portuguesa, iniciado no final do século XIX, mencionado anteriormente, encarou diversas dificuldades que acabaram por findá-lo por completo. A língua portuguesa somente permaneceu durante os 24 anos de dominação indonésia em Timor Leste devido à elite educada pró-portugal que, exilada nas montanhas, começaram uma guerrilha de resistência contra a dominação⁷.

Atualmente, as línguas oficiais, Português e Tetun Prasa, têm que ser ensinadas nas escolas e os professores leste-timorenses devem estar preparados para ensinar português nas escolas. A situação atual do sistema educacional é delicada, principalmente porque não existem alternativas para resolver os problemas rapidamente. Entre os principais desafios estão: grande parcela da população falante de *bahasa indonesia*, poucos possuem formação universitária, a quantidade de professores de português e de material didático disponível é mínima.

Essas dificuldades fazem com que o status da língua portuguesa em Timor Leste seja problemático, pois há a geração mais nova com acesso a um ensino de pouca qualidade; a geração de adultos escolarizados durante o período indonésio e que apresenta poucos falantes de português; a geração mais velha, que viveu durante o período português, em sua maioria não é escolarizada e vive na zona rural, sendo somente a elite mais velha que é fluente na língua. Assim, o português fica restrito a uma parcela da população altamente escolarizada e seu uso é limitado ao uso formal: escolas, universidades, política, administração pública, questões jurídicas.

2. O PORTUGUÊS FALADO EM TIMOR: ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Antes de ser iniciada a análise dos elementos luso-timorenses do léxico do PTL, será feito um breve histórico dos estudos linguísticos dessa variedade do português. No breve percurso dos estudos do PTL, iniciado no final do século XIX e com sua primeira publicação datando somente do século XX, houve um problema na identificação e na diferenciação entre a variedade do português falado na ilha, o PTL, e o crioulo de base lexical portuguesa, o CPB.

Provavelmente, o primeiro estudioso que teve algum interesse no português falado em Timor Leste foi Hugo Schuchardt. Ele teve acesso ao CPB através de informações de José dos

⁷ Segundo testemunhos dos próprios padres leste-timorenses em Costa (2002/2003), a igreja católica e seus externatos, que eram as únicas instituições de ensino ao lado de escolas militares, foram, desde o início da invasão indonésia, vigiados pelos militares. Posteriormente, houve um telegrama oficial da Indonésia que decretava a eliminação de tudo que tivesse o ‘sabor português’, principalmente na educação. Assim, os párcos iniciaram traduções dos textos litúrgicos de português para Tetun como única alternativa para continuarem o culto católico.

Santos Vaquinhas, governador interino de *Timor Português*, no ano de 1882. Anos mais tarde, em 1885, o Vigário Geral de Timor ofereceu informações diferentes a Schuchardt, em carta reproduzida em Baxter (1990: 5), contradizendo as informações de Vaquinhas em 1882, o Vigário Geral de Timor afirmou não existir um crioulo de base portuguesa em Timor, mas um português “estropiado” e “corrompido”. Se Schuchardt escreveu algo sobre o CPB ou sobre o PTL, tal documento não foi encontrado até a atualidade em seu espólio.

A primeira publicação que procura analisar o PTL e o CPB foi Vasconcelos (1970 [1901]). Nesta obra clássica, o filólogo português afirma não haver o crioulo português em Timor e reproduz informações recebidas por ele de Raphael das Dores⁸ a respeito do PTL. Vasconcelos (1970 [1901]: 184) afirma o seguinte:

Selon les renseignements que m’a donné M. le Lieutenant-Colonel Rafael das Dores, qui a été à Timor quatre fois, et qui y a habité la première fois pendant trois ans, Il y n’a pas à Timor dialecte créole proprement dit. Je transcris d’une de ses lettres le passage suivant, que je suppose intéressant:

Depois reproduz uma pequena passagem da carta do tenente-coronel das Dores (Vasconcelos, 1970 [1901]: 184):

“Algumas raparigas, vindas do interior para criadas, e servindo em casa de pessoas de Macau residentes em Timor, aprendem palavras do *crioulo macaísta*, mas tanto estas raparigas, como as próprias pessoas de Macau, com o tempo chegam a fallar o português como nós, o que eu observei, e mesmo se nota em Macau de senhoras que regressam de Timor”.

E termina sua seção sobre o PTL apenas com as breves informações reproduzidas a seguir (Vasconcelos, 1970 [1901]: 184):

Certaines phrases caractéristiques du parler de Timor, telles que *Nai F. fô recado, fô bom dia, fô boa noite*, sont dans les conditions ci-dessus indiquées: *nai* em “teto”, une des langues indigènes de Timor, signifie “seigneur”; *fô* signifie “donner”; les autres mots sont portugaise.

Posteriormente, a obra que menciona algumas informações sobre o CPB e o PTL é o livro clássico de Castro (1996 [1943]). Porém, o objetivo do autor não era linguístico, mas apenas um relato de suas viagens pela ilha. Na obra, há apenas alguns exemplos de diálogos, transcritos de forma não linguística pelo autor, como a conversa entre a mãe, filha e marido citada abaixo (Castro, 1996 [1943]: 95):

⁸ Raphael das Dores foi um dos pioneiros dos estudos linguísticos em Timor, publicando o primeiro dicionário Tetun-Português (Dores, 1907), que possui em sua introdução uma pequena gramática da língua.

Cuza bèn mamãi?
Ôi, nônôï, seu marido já vên láquêlê!
Hou, nónó, bèn, senta bê, cómê, bai!
Ó nônôï, tira depressa arrôze, eu anta cómi (ou eu querê comê).

Em seguida, outra obra que abordou o CPB, foi Teixeira (1963), que apresenta uma breve análise e vários exemplos da variedade crioula.

O primeiro trabalho que diferenciou o CPB do PTL, apresentando uma longa análise histórica, social e linguística a respeito de Timor Leste foi Thomaz (1974). Thomaz procurou analisar em que medida o chamado “português da praça de Dili”⁹, termo usado pelos autores anteriores, referia-se ao CPB ou ao PTL. Em diversos outros trabalhos, o autor dedicou-se a estudar o PTL, ocupando-se de questões históricas e sociolinguísticas em (1985, 2002), assim como do léxico do PTL em (1995, 2002).

Baxter (1990) realizou um amplo levantamento bibliográfico e uma análise exaustiva do CPB, que até o momento apresenta-se como o estudo linguístico mais completo a respeito dessa variedade crioula do português.

Somente nos últimos anos é que a variedade do PTL despertou maior interesse dos linguistas. Há uma nota de Costa (1995), que procura diferenciar o PTL, reconhecendo-o como uma variedade e diferenciando-o do português padrão, ensinado e falado em Timor Leste pelos portugueses.

Carvalho (2001, 2002/2003) dedicou-se ao estudo do léxico do PTL, pesquisando a antroponímica leste-timorense (2001) e elaborando um *corpus* em que baseou várias outras de suas conclusões a respeito do léxico (2002/2003).

Brito (2002, 2004) elaborou uma série de artigos sobre o PTL, além dos citados, onde aborda de maneira introdutória, enfatizando principalmente questões de sociolinguística e política linguística. Já em Brito e Corte-Real (2002) há uma análise das peculiaridades do PTL no nível fonético-fonológico, porém tais traços específicos do PTL são abordados pelos autores como erros de aprendizagem.

Recentemente, Albuquerque (2010) realizou um estudo introdutório sobre a prosódia do PTL, e posteriormente realizou um panorama linguístico do PTL (Albuquerque, 2011), apresentando brevemente estruturas específicas dos níveis de análise linguística, a saber: fonético-fonológico, morfossintático e léxico-semântico.

⁹ O distrito de Dili é a atual capital da República Democrática de Timor-Leste.

3. O LÉXICO LUSO-TIMORENSE

Os chamados elementos luso-timorenses, termo inserido por Thomaz (1995), consistem em lexemas de origem lusófona, mas que sofreram algum tipo de mudança linguística, sendo elas de natureza fonético-fonológica ou semântica, ou trata-se de retenções do léxico quinhentista lusófono. Dessa forma, as características do léxico do PTL (mudanças semânticas e fonéticas, e retenções quinhentistas), que serão analisadas nesta seção, são evidências suficientes para o argumento da existência dessa variedade linguística do português. Somadas a elas, há também alguns elementos estrangeiros e outros nativos de Timor Leste, que foram incorporados ao léxico do PTL.

A pesquisa, que vem sendo realizada sobre o léxico PTL, revelou que até este momento os principais elementos de origem estrangeira encontrados foram de origem malaia, chinesa e japonesa, e o elemento nativo leste-timorense limita-se a influências da língua Tetun.

Entre os lexemas malaaios em PTL, podem ser citados¹⁰: *barlaque* ‘dote a ser pago no casamento’; *toples* ‘espécie de jarra para armazenar comida’; *katuas* ‘velho, ancião, marido’; *dambata* ‘ponte’ (variando com o lexema lusófono *ponte*); *durbasa* ‘tradutor, intérprete’. De origem chinesa há: *dargão* ‘jarra de chá, chavena’; *kusi* ‘tipo de barril para carregar água’; *pahén* ‘homem velho, idoso’; *kanku* ‘hortaliça amarga’; *dachim* ‘tipo de balança nativa’. Os lexemas nipônicos são escassos e alguns deles são empregados apenas pelos idosos: *sutate* ‘molho de soja’; *catana* ‘espada nativa leste-timorense’; *samurai* ‘espada longa’.

Já do elemento nativo, há uma série de empréstimos tetumófonos tanto de conceitos que não possuem correlatos em português, como *tais* ‘pano tradicional, ou vestimenta feita com este pano’; *liurai* ‘rei nativo, chefe’; *suco* ‘divisão nativa de pequenos territórios, vila’; *alin* ‘forma de tratamento para se referir a pessoas mais novas’; *dató* ‘nobre, ou qualquer pessoa de classe social prestigiada’; *bua* ‘substância para mascar’, quanto de lexemas que estão em alternância de código pelo falante bilíngue Tetun-Português usados em situações informais¹¹: *feto* ‘mulher’; *nonoi* ‘garota, menina’; *labarik* ‘criança, menino, moleque’; *malae*

¹⁰ Os exemplos no decorrer do artigo seguem as respectivas ortografias das línguas mencionadas (português, Tetun, *bahasa indonesia*). Somente em casos de empréstimos aportuguesados ou formas documentadas seguem a ortografia da língua portuguesa, ou de um dos autores citados. Ainda, quando os exemplos forem de transcrições fonéticas, estas estarão devidamente apontadas.

¹¹ Alguns destes lexemas, Thomaz (2002) já havia apontado, no que ele chamou de uso em ‘situações familiares’. Porém, o autor deste artigo considera o uso um tanto impreciso, já que a pesquisa *in loco* revelou que a língua portuguesa não é falada na casa das famílias leste-timorenses, ou seja, nas situações familiares. Foi observado que a língua portuguesa é falada somente em situações informais quando há a presença de um colega ou amigo da família leste-timorense, sendo obviamente este colega ou amigo estrangeiro de origem lusófona.

‘forma pejorativa para estrangeiro, gringo’; *kabun boot* ‘gordo, ou encorpado’ usado para se referir ao corpo dos estrangeiros, em contraste com a população leste-timorense que é predominantemente magra; *doben* ‘querida, amada’ forma carinhosa de chamar a namorada, a esposa ou pretendentes.

Os dados usados neste artigo foram coletados em pesquisa de campo do presente autor, realizada em diferentes distritos de Timor Leste, durante os anos de 2008 e 2009, seguindo o método laboviano (Labov, 1966, 1972) para se realizar as gravações de diálogos e contos de literatura oral, narrados por alguns idosos¹². Em dados linguísticos não coletados pelo autor, estão citadas devidamente as fontes utilizadas.

Assim, serão apresentadas a seguir as análises dos elementos luso-timorenses do léxico PTL, começando pelas mudanças fonéticas e suas repercussões no léxico (3.1). Em (3.2), se encontra a análise das mudanças semânticas e, em (3.3), as retenções do léxico quinhentista.

3.1 MUDANÇAS FONÉTICAS

Enquanto as retenções lexicais e as mudanças semânticas devem ser analisadas cada um dos casos em particular, devido à própria natureza idiossincrática desses fenômenos quando abordados diacronicamente, as mudanças fonéticas realizadas pelos falantes leste-timorenses de português apresentam maior regularidade. Albuquerque (2010) ao analisar a prosódia do PTL, apresentou algumas dessas mudanças fonético-fonológicas, são elas a variação na realização dos segmentos palatais /j, ʎ, ɲ, ʒ/ e na nasalização das vogais, que acabam por sofrer desnasalização, conforme consta nos exemplos abaixo:

1. variação na realização dos segmentos palatais:

j > ʃ, s, s^j

chegar [se.ˈga.a] ~ [ˈsʎe.ga]; *chá* [sʎa]; *bicho* [ˈbi.su];

ʎ > ʎ, l, l^j

velho [ˈve.liu] ~ [ˈbe.liɔ]; *olho* [ˈo.liu] ~ [ˈoi.lu]; *espelho* [es.ˈpe.lu] ~ [es.ˈpe.liu];

ɲ > ɲ, n, n^j

¹² Os idosos portadores do conhecimento tradicional em forma de histórias são chamados de *lia nain*, como foi mencionado anteriormente, quando são os contadores de histórias mitológicas ou outras de natureza não religiosa. Já os narradores de preces e qualquer outro tipo de ensinamento religioso na modalidade oral, são conhecidos como *kukun*.

vinho [‘bi.niu] ~ [‘vi.n^hu]; *rascunho* [ras.‘ku.niu] ~ [ras.‘ku.n^hu]; *bonitinho* [bo.ni.‘ti.iu] ~ [bo.ni.‘ti.n^hu];

ʒ > ʒ, z, dʒ, d^j, d

ajuda [a.‘zu.da] ~ [a.‘dʒu.da]; *João* [‘z^hu.an] ~ [‘du.an]; *já* [z^ha] ~ [dʒa] ~ [da]; *hoje* [‘o.ze] ~ [‘o.dʒi].

2. variação na realização da nasalização das vogais:

amanhã [a.‘ma.n^ha] ~ [a.‘ma.nan];

mãe [‘ma.e] ~ [mai];

ontem [‘ɔn.tem] ~ [‘ɔn.ten] ~ [‘ɔn.te];

educação [e.du.ka.‘sa.u] ~ [e.du.ka.‘sa.un];

ação [a.‘sa.u] ~ [a.‘sa.un];

confissão [kon.fi.‘sa.u] ~ [kon.fi.‘sa.un].

De acordo com os exemplos em (1), verificou-se nos dados coletados uma frequência alta na realização dos segmentos palatais /j/, ʒ, ɲ, ʎ/ como seus correlatos [s, z, n, l] ou levemente palatalizados. Esse fenômeno linguístico justifica-se principalmente pela ausência desses segmentos palatais em todas as línguas nativas de Timor Leste, por isso a variação na realização. Já em (2), devido a desnasalização, há com frequência nos dados a inserção de um [n] epentético através da dissimilação, assim como em Tetun há um grande número de substantivos terminados com um sufixo *-n*, que pode também ser inserido por analogia pela influência da aquisição e aprendizagem do falante multilíngue de PTL.

Ainda, outras características no nível fonético do PTL podem ser somadas às apontadas anteriormente. Nos dados coletados foi encontrada variação na realização das vogais abertas /ɛ, ɔ/ (3) e mudança da posição do acento para adequação ao padrão acentual da L1 dos falantes (4), que geralmente apresenta acento fixo na penúltima sílaba:

3. variação na realização das vogais abertas:

correr [‘kɔ.re] ~ [ku.‘re.e] ~ [ku.‘re.er];

estudar [es.tu.‘da.ar] ~ [is.‘tu.da];

gostar [‘gɔs.ta] ~ [gɔs.‘ta.ar];

chocolate [s^ho.ko.‘la.te] ~ [suk.‘la.te];

telefone [te.le.‘fɔ.ne] ~ [‘tɛl.fon].

4. ressilabação e/ou mudança de acentuação:

ouvir [‘o.bi] ~ [‘o.vi] ~ [o.‘vi.i] ~ [o.‘vi.iɾ];

fumar [‘fu.ma] ~ [fu.‘ma.aɾ];

gostar [‘gɔs.ta] ~ [gɔs.‘ta.aɾ];

sair [sai] ~ [sa.‘i.iɾ];

correr [‘kɔ.re] ~ [ku.‘re.e] ~ [ku.‘re.eɾ];

chocolate [sʃo.ko.‘la.te] ~ [suk.‘la.te];

cômico ‘engraçado, pessoa engraçada’ [ko.‘mi.ko] ~ [‘ko.mik];

telemóvel ‘celular (PE)’ [te.le.‘mɔ.veɫ] ~ [tel.mo.veɫ].

Uma das consequências no nível semântico desses fenômenos fonéticos é o surgimento de homônimos únicos ao PTL, principalmente nas formas verbais apresentadas nos exemplos acima. Entendendo aqui homonímia, de acordo com Traugot e Dasher (2002: 12), como significados coexistentes associados à mesma forma. Além da variação das vogais médias, do *-r* final do infinitivo e da acentuação, as homonímias formadas podem ser apenas parciais, consistindo na igualdade entre a forma infinitiva e a 3ª pessoa do singular do verbo, como [‘fu.ma] ‘fumar, fuma’, [‘gɔs.ta] ‘gostar, gosta’, [sai] ‘sair, sai’ e [‘kɔ.re] ‘correr, corre’, ou podem ser homônimos propriamente ditos, como no caso de [‘o.vi] significando tanto ‘ouvir, ouvi’ e ‘houve’.

3.2 MUDANÇAS SEMÂNTICAS

As mudanças semânticas ocorridas no léxico do PTL podem ser classificadas em grupos diferentes. De acordo com a teoria linguística, principalmente o trabalho clássico de Ullmann (1964) as mudanças semânticas mais comuns são a metáfora e metonímia. Ainda, a extensão e a restrição semânticas podem ser consideradas, em certa medida, como subtipos delas. Quando se analisa dados de diferentes povos, outros conceitos mais recentes também servem para descrever certas mudanças semânticas que afetam o léxico de uma língua. No caso do PTL, são eles: a substituição por tabu e contato de línguas.

Assim, o PTL acaba ter vários processos de mudanças semânticas, são eles: extensão semântica: *amo, serviço*; restrição semântica: *colega, morador*; metáfora: *força, malandro*;

metonímia: *argolinha*, *cravo*; substituição de tabu: *estilo* e influencia do contato de língua: *bazar* e *mapa*. Seguem alguns exemplos e suas respectivas análises:

5. Exemplos de mudanças semânticas:

amo ‘padre católico’ o lexema *amo* serve como base para compostos no PTL e no Tetun Prasa, como *amo-bispo* ‘bispo’ (Tetun Prasa *amu-bispu*), *amo-papa* ‘papa’ (Tetun Prasa *amu-papa*) e *amo-lulik* ‘autoridades do clero’ (Tetun Prasa *amu-lulik*);

serviço ‘profissão, trabalho, trabalhar’, por extensão semântica este lexema passou a significar qualquer atividade feita, sendo ela remunerada ou não, ofícios, entre outros;

valor ‘resultado dos exames escolares’ provavelmente uma extensão semântica do significado do lexema *valor* aplicado ao ‘valor das notas escolares’ e, assim, aos ‘resultados dos exames’;

bazar ‘mercado popular, feira’ (do persa, via malaio), restrição semântica do significado apenas à ‘feira’, já que o lexema *mercado* é que refere-se a ‘supermercados’ ou ‘estabelecimentos maiores de vendas’;

colega ‘tratamento entre amigos íntimos de mesma idade, ou de idade aproximada’, este lexema sofreu restrição semântica, já que se refere apenas a um tipo específico de amizade;

morador ‘milícia nativa, membro dessa milícia’, este lexema sofreu tanto restrição semântica, deixando de significar ‘aquele que mora’ e passando a significar apenas ‘milícia nativa’, quanto por elipse passou a se referir também aos ‘membros da milícia’;

mestre ‘professor de escola’, em oposição a *docente* ‘professor universitário’, ambos sofreram restrição semântica;

aluno(a) ‘estudante em nível escolar’, em oposição a *estudante* ‘estudante universitário’, assim como o exemplo anterior, os lexemas do campo semântico da educação formal acabaram por sofrer restrição semântica em Timor Leste¹³;

força ‘potência sexual’, a ‘força física’ acaba, por metáfora, a significar a ‘força ou desempenho sexual’;

malandro ‘indivíduo mulherengo’, o atributo ‘malandragem’ por metáfora é usado para se referir ao ‘homem que possui ou corteja muitas mulheres’;

topaz ‘mestiço, ou timorense assimilado a cultura portuguesa’, do português padrão *topázio* ‘pedra preciosa de cor amarronzada’, por metáfora passou a se referir a ‘mestiços’ ou

¹³ Essas mudanças semânticas refletem aspectos da sociedade leste-timorense, que apresenta resquícios de antigos sistemas nativos de nobreza. Assim, devem ser enfatizadas e diferenciadas as funções sociais de alunos e professores da escola e da universidade. Essa necessidade reflete-se de diversas maneiras, incluindo as línguas faladas em Timor Leste.

‘qualquer pessoa de pele marrom mais clara’ quando comparada ao nativo leste-timorense, de pele marrom escuro;

argolinha ‘tipo de brinco em forma de argola’, por metonímia *argola* devido a semelhança da forma passou a designar ‘brinco’, diferencia-se do *cravo* exatamente pelo formato;

cravo ‘brinco pequeno’ por metonímia o lexema *cravo* refere-se aos ‘pregos’ ou ‘ferrolhos’, utilizados em objetos grandes, assim como a um ‘pequeno brinco’ que tem um formato semelhante;

estilo ‘cerimônia tradicional de sacrifício de animais’;

mapa ‘mapa, pasta’, em PTL *mapa* significa também ‘pasta’ por influência do lexema *bahasa indonesia map* ‘pasta’;

irmão [‘ma.un] ‘forma de tratamento para irmão ou amigo mais velho’, o mesmo acontece com *irmã* [‘ma.na] como forma de tratamento para se referir as mulheres. Em ambas as formas é evidente: a redução fonética da sílaba inicial de *irmão/irmã* > *maun/mana* e a desnasalização da sílaba final;

condutor ‘motorista de carro’, neste lexema ocorre restrição semântica, enquanto o lexema *motorista* ‘motorista somente de moto’ pode ser analisado por analogia de *motor, motorizada* ‘moto’ > *motorista* ‘aquele que conduz a motorizada’ por extensão semântica.

3.3 RETENÇÕES QUINHENTISTAS

O PTL mantém várias formas do léxico do português quinhentista, principalmente nas variedades faladas em zonas rurais isoladas e no enclave de Oecussi (mapa 1), conforme foi atestado por Carvalho (2001).



Mapa 1: Timor Leste e suas fronteiras

(Fonte: http://www.lib.utexas.edu/maps/middle_east_and_asia/east_timor_pol_03.pdf)

Ainda, segundo Carvalho (2002/2003), na elaboração de um *corpus* do português falado no distrito de Lautém, zona rural relativamente isolada no extremo leste da ilha (ver Mapa.1), e em Oecussi, a autora verificou uma alta ocorrência dessas formas lexicais quinhentistas. Nos dados linguísticos coletados em pesquisa de campo pelo presente autor, que além de corroborarem com as conclusões anteriores da linguista, foi possível identificar o uso desses lexemas em zonas urbanas, destacando-se, porém, o fato de que alguns deles são usados com maior frequência e outros com menor frequência, sendo assim de maneira diferente das áreas rurais¹⁴.

Essas formas do léxico do PTL também foram atestadas no português falado em áreas vizinhas próximas a ilha de Timor, principalmente na ilha de Flores. Basicamente, consistem em lexemas do português falado no século XVI, quando os colonizadores chegaram à região. No PE atual estes lexemas não são mais usados, ou sofreram mudanças semânticas distintas não compartilhadas no PTL. Seguem alguns exemplos dessas formas do PTL com seus respectivos significados e alguns comentários:

¹⁴ Em Albuquerque (2011: 70), há uma discussão sobre a variação no PTL, assim como um contínuo linguístico de como essa variação do PTL se distribui pelo território do país e quais são suas principais marcas estruturais.

6. Exemplos de retenções do léxico quinhentista¹⁵:

carreta: ‘carro’ usado também com o significado de ‘arado’ e ‘qualquer tipo de aparelho puxado por tração’ seja ela animal ou mecânica;

formosura: ‘beleza’, contrastando com a palavra *belo*, que em PTL é empregado como antropônimo masculino, e *bonito(a)* que faz referência a beleza de alguém, porém com conotação sexual e/ou desrespeitosa;

tranqueira: ‘casa com cerca fortificada, ou somente a cerca’, ainda nome de um bairro português de Malaca (*Trankeira*);

regatear: ‘pechinchar’;

gentio: ‘timorense não praticante do catolicismo’, referindo-se à população rural que mantém práticas rituais pagãs, ou à pequena parcela da população que pratica o budismo;

saugate ‘dar’, esse lexema também foi atestado por Carvalho (2002/2003) no PM na forma *saguante*;

açafate ‘cesto arredondado e baixo’, aparentemente algumas variedades do português apresentam esse lexema com mesmo significado;

tabaqueira ‘recipiente artesanal para guardar cigarros’ do PE *tabaco* ‘cigarro’;

chumaço ‘almofada, travesseiro’;

tacho ‘tipo de frigideira chinesa’;

cravo ‘brinco pequeno’ por metonímia *cravo* ‘tipo de prego usado para fixar objetos grandes’.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo apresentou uma análise do léxico do português falado em Timor Leste, o Português de Timor Leste (PTL). Esta análise revelou lexemas lusófonos que sofreram mudanças fonéticas e semânticas específicas à variedade do PTL. Ainda, verificou-se também a existência de retenções do léxico lusófono quinhentista. Essas evidências linguísticas são mais um argumento a favor da existência do PTL como uma variedade da língua portuguesa, no caráter de língua transplantada, no contexto de ex-colônias, no caso do presente artigo o *Timor Português*, atual República Democrática de Timor-Leste.

Ainda, em (2), foi exposta brevemente a escassez de estudos linguísticos sobre o português falado na ilha de Timor tanto da variedade do PTL, quanto da variedade crioula o

¹⁵ Foram consideradas retenções do léxico quinhentista os lexemas apontados como arcaísmos no corpus elaborado por Carvalho (2002/2003), assim como outras formas já atestadas como tal em variedades crioulas asiáticas e que também foram encontradas no PTL. Um estudo exaustivo desses lexemas no PTL juntamente com a diacronia deles no PE ainda está por ser feito.

CPB. A primeira publicação que contemplou de alguma forma o português falado em Timor data do início do século XX, em 1901, com a publicação de *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, a obra clássica de autoria de José Leite de Vasconcelos. Somente nos últimos anos é que o PTL despertou interesse em alguns linguistas.

Além de contribuir com os estudos linguísticos do PTL, este artigo procurou também apresentar mais dados e análises dessa variedade com intenções de incentivar sua documentação, manutenção e valorização, que com o tempo vem se perdendo, já que o PTL é visto pelos próprios falantes leste-timorenses e por outros falantes lusófonos como um português “errado”, ou como “problemas de aprendizagem” da língua portuguesa. Diante do quadro apresentado na seção (1), atualmente o ensino da língua portuguesa em Timor Leste encontra uma série de dificuldades e desafios a serem superados. Assim, procura-se registrar aqui que o português padrão deve ser ensinado nas escolas leste-timorenses, porém os professores não devem perder de vista o conhecimento prévio que os alunos trazem de casa, neste caso o PTL, mas devem procurar aproveitá-lo. Desta comunhão do conhecimento nativo e popular com o conhecimento formal, depende o futuro da língua portuguesa em Timor Leste.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALBUQUERQUE, Davi B. Peculiaridades prosódicas do português falado em Timor Leste. *ReVEL*, v.8, n.15, p. 270-285, 2010.
2. _____. O Português de Timor Leste: contribuição para o estudo de uma variedade emergente. *Papia*, v. 21, n.1, p. 65-82, 2011.
3. BAXTER, Alan. Notes on the Creole Portuguese of Bidau, Timor. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v.5, n.1, p. 1-38, 1990.
4. BOXER, Charles R. *The Topasses of Timor*. Amsterdam: Indisch Instituut, 1947.
5. BRITO, Regina P. Reflexões sobre o português em Timor-Leste. *Revista Mackenzie educação, arte e história da cultura*, v. 2, p. 87-95, 2002.
6. _____. A língua adormecida: o caso Timor-Leste. In: BASTOS, N. M. (org.) *Língua portuguesa em calidoscópico*, p. 319-329. São Paulo: Educ/Fapesp, 2004.
7. BRITO, Regina P.; CORTE-REAL, Benjamin. Algumas especificidades fonético-fonológicas da variante do português timorense. *Actas do VIII Simpósio internacional de comunicación social*, v.1, p. 147-151, 2002.

8. CARVALHO, Maria José. Timor Lorosa'e, características das línguas crioulas e do português conservado na zona – contribuição para a língua oficial. *Studies of Language and Cultures of East Timor*, v.4, p. 20-36, 2001.
9. _____. Aspectos lexicais do português usado em Timor Leste. *Studies of Language and Cultures of East Timor* v. 5, p. 25-40, 2002/2003.
10. CASTRO, ALBERTO O. *A ilha verde e vermelha de Timor*. Lisboa: Edições Cotovia, 1996 [1943].
11. COSTA, Leão. A luta pela preservação da identidade cultural timorense no tempo da ocupação. *Studies of Language and Cultures of East Timor* v. 5, p. 11-17, 2002/2003.
12. COSTA, Luis. O português em Timor e o português de Timor. *Revista Internacional de Língua Portuguesa* v. 14, p. 51-52, 1995.
13. DORES, Raphael. *Dicionário teto-português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1907.
14. FOX, James J. Tracing the path, recounting the path: historical perspectives on Timor. In: FOX, James J; SOARES, D. B. (eds.) *Out of the ashes: destruction and reconstruction of East Timor*. Hindmarsh: Crawford House Publishing, 2000.
15. HAJEK, John. Language planning and the sociolinguistic environment of East Timor: colonial practices and changing language ecologies. *Current Issues in Language Planning*, v. 1, p. 400-413, 2000.
16. LABOV, William. *The social stratification of English in New York city*. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.
17. _____. *Sociolinguistics Patterns*. Oxford: Basil Blackwell, 1972.
18. SÁ, Artur B. *Textos em teto da literatura oral timorense*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1961.
19. TEIXEIRA, Manuel. *Macau e a sua diocese. Vol. VI. A missão portuguesa de Malaca*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1963.
20. THOMAZ, Luis Filipe. Timor: Notas histórico-linguísticas. *Portugaliae Historica*, vol.2, p.167-300, 1974.
21. _____. A língua portuguesa em Timor. *Actas do Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo*, vol. 1, p. 313-319. Lisboa: Instituto de cultura e língua portuguesa, 1985.
22. _____. *De Ceuta a Timor*. Carnaxide: Difel, 1994.
23. _____. Elementos para um glossário luso-timorense. In: LOUREIRO, Rui Manuel. *Onde Nasce o Sândalo: Os Portugueses em Timor nos Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Grupo de

Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1995.

24. _____. *Babel Loro Sa'e: O Problema Lingüístico de Timor Leste*. Lisboa: Instituto Camões, 2002.
25. TRAUGOTT, Elizabeth C.; DASHER, Richard B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
26. ULLMANN, Stephen. *Semantics: an Introduction to the Science of Meaning*. Oxford: Basil Blackwell, 1964.
27. VASCONCELOS, José L. *Esquisse d'une dialectogie portugaise*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970 [1901].

ABSTRACT: *Luso-timorense* is a terminology for lusophone elements specific to East Timor and it was forged by Thomaz (1995) in his paper analyzing the lexicon of the Portuguese language spoken on the island. The present paper is a result of an ongoing investigation on the variety of Portuguese language spoken by Timorese people. The two main objectives are to document and to valorize this Portuguese variety as a national one, so called *Português de Timor Leste* (PTL). Thus, a sociohistorical outline of Portuguese language in Timor Island will be presented (1). After that, a brief history of linguistic studies on PTL will be traced (2) followed by the analysis of *luso-timorense* element on the lexicon (3). Finally, some foreign lexemes unique to PTL will be pointed out aiming to a better knowledge of the lexicon of this variety (4).

KEYWORDS: East-Timor; Portuguese language; lexicon; semantics.

Recebido em 09 de maio de 2011.

Aceito para publicação no dia 26 de julho de 2011.